

RESENHA

Bookreview

ARAB SPRING, LIBYAN WINTER¹

Guilherme Ziebell de Oliveira²

Vijay Prashad é mestre e doutor em História pela University of Chicago. Com mais de quinze livros publicados, Prashad foca suas pesquisas, sobretudo, no estudo do Sul global e nas dinâmicas do imperialismo contemporâneo. Atualmente é professor de Estudos Internacionais e coordenador da cátedra de História Sul-Asiática na Trinity College, nos EUA, já tendo lecionado como visitante na New York University, na Syracuse University e também na Cornell University.

Em seu livro intitulado “Arab Spring, Libyan Winter”, Vijay Prashad faz uma ampla análise dos fatores determinantes para a emergência da chamada “Primavera Árabe” na Tunísia, no Egito, no Bahrein, no Iêmen e na Líbia, destacando, com bastante clareza, o papel assumido pelas potências ocidentais e também pela Arábia Saudita nesses processos. Ao longo da primeira parte do livro (intitulada “Arab Spring”), o autor faz, a partir de uma narrativa não-linear, uma retomada dos eventos que deram início à Primavera Árabe, focando sua análise nos casos do Iêmen, do Bahrein e, sobretudo, da Tunísia e do Egito. Entre outras questões, o autor destaca que, diferentemente do que muitos afirmam, as redes sociais e o discurso do presidente Barack Obama no Cairo, em 2009, tiveram uma importância apenas marginal em todo o processo de revolta no mundo árabe.

¹ PRASHAD, Vijay. Arab Spring, Libyan Winter. Oakland/Edinburgh: AK Press, 2012. ISBN: 978-184935-112-6

² Graduado em Relações Internacionais pela UFRGS. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS (PPGEEI/UFRGS), com bolsa FAPERGS.

A partir de uma perspectiva histórica, o autor faz uma reconstrução dos fatores políticos locais que levaram às insurreições. A alta dos preços dos alimentos (simbolizada, principalmente, pelo preço do trigo – e, conseqüentemente, do pão), a grande insatisfação popular com as crescentes taxas de desemprego e com a estagnação política de governos que se perpetuavam e envelheciam no poder (simbolizadas pela atitude Mohammed Bouazizi³) foram, entre outros, os fatores que levaram à eclosão dos levantes. Prashad mostra que, à medida que a Primavera Árabe ganhou força, as potências ocidentais, assim como a Arábia Saudita, buscaram manter no poder seus aliados, estratégia que teve sucesso nos casos do Bahrein e do Iêmen – onde os levantes foram reprimidos e abafados –, mas não no Egito e na Tunísia – onde Hosni Mubarak e Ben Ali, respectivamente, foram derrubados.

Já na segunda parte do livro (intitulada “Libyan Winter”), Prashad se detém mais especificamente sobre o caso da Líbia, buscando responder questões como o porquê de os eventos no país terem tido conseqüências diferentes, e o porquê de as potências ocidentais terem tido tanta pressa em realizar uma intervenção no território líbio, o que não aconteceu nos outros países árabes. Para o autor, as respostas a essas perguntas estão diretamente ligadas à História da Líbia. Após ter sido afetado severamente pelas sanções internacionais impostas em 1992, devido ao atentado de Lockerbie, em 1988, o país voltou a ter grande importância para as potências ocidentais a partir da invasão ao Iraque, em 2003. Nesse contexto, o receio de uma redução das fontes de fornecimento de petróleo fez com que as potências ocidentais se reaproximassem da Líbia, e passassem a impor uma agenda neoliberal ao país (da qual o filho de Kadafi, Saif al-Islam, se tornou um dos principais representantes). Com o início das revoltas na região da Cirenaica em 2011 (inseridas no contexto da Primavera Árabe), as potências ocidentais conseguiram uma oportunidade para fomentar a derrubada de Kadafi. A Arábia Saudita, que há tempos já possuía disputas com a Líbia, passou a apoiar o

³ Mohammed Bouazizi era um vendedor de rua tunisiano de 26 anos que, no dia 17 de dezembro de 2010, cobriu-se de gasolina e colocou fogo em seu próprio corpo, em protesto contra os altos preços dos alimentos e contra a repressão do regime do presidente da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali.

estabelecimento de uma Zona de Exclusão Aérea sobre o país, e também, posteriormente, uma intervenção liderada pela OTAN.

Prashad, assim, demonstra que as potências ocidentais, em colaboração com parte da elite líbia, pertencente aos círculos mais próximos de Kadafi, conseguiram alterar os rumos dos levantes, redirecionando sua força não para uma efetiva mudança, mas apenas para a derrubada de Kadafi. Nesse contexto, de acordo com Prashad “No início de março [de 2011], a revolta líbia começou a ser sequestrada por forças próximas às potências [ocidentais], cujos interesses na Líbia são regidos por petróleo e poder” (PRASHAD, 2012, p.180). Segundo o autor, ainda que Kadafi e seus apoiadores tenham cometido crimes contra a população líbia, a extensão desses foi extremamente exagerada pelos partidários de uma intervenção. Além disso, a intervenção militar operada pela OTAN no país, supostamente com bases no conceito de Responsabilidade de Proteger (R2P, na sigla em inglês), também teria violado diversas leis internacionais, sem, todavia, haver alguma forma de reparação. Ainda, apesar das tentativas da União Africana e do grupo BRICS de promover um cessar-fogo e negociações com o governo líbio, as potências ocidentais levaram a intervenção adiante, ignorando qualquer outra alternativa. Segundo Prashad, “A paz nunca foi o objetivo. O conflito sempre foi para remover Kadafi e seu regime” (PRASHAD, 2012, p.199).

Ainda que seu livro não seja muito extenso, Vijay Prashad consegue demonstrar que a chamada “Primavera Árabe” não foi um processo uniforme. Não só os resultados foram distintos nos diferentes países, mas também o desenvolvimento dos processos ocorreu de maneira diferente. Apesar de o autor dedicar uma grande parte do livro à contextualização da Primavera Árabe nos demais países, tratando mais especificamente da Líbia apenas a partir da metade do livro, essa construção permite que o leitor perceba claramente não só a existência de diferentes “Primaveras Árabes”, mas também o papel que os diferentes atores, principalmente as potências ocidentais, tiveram no desfecho de cada uma destas.

Resenha recebida dia 10 de fevereiro de 2014.

Aprovado em 25 de fevereiro de 2014.